



20
24

Avaliação Diagnóstica

Arte



Curitiba
CIDADE
EDUCADORA

*Veredas
Formativas*

PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA
Rafael Greca de Macedo

SECRETARIA MUNICIPAL DA EDUCAÇÃO
Maria Sílvia Bacila

SUPERINTENDÊNCIA EXECUTIVA
Oséias Santos de Oliveira

DEPARTAMENTO DE LOGÍSTICA
Maria Cristina Brandalize

DEPARTAMENTO DE PLANEJAMENTO, ESTRUTURA E INFORMAÇÕES
Adriano Mario Guzzoni

COORDENADORIA DE REGULARIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO DAS INSTITUIÇÕES
EDUCACIONAIS
Eliana Cristina Mansano

COORDENADORIA DE OBRAS E PROJETOS
Guilherme Furiatti Dantas

COORDENADORIA DE RECURSOS FINANCEIROS DESCENTRALIZADOS
Margarete Rodrigues de Lima

SUPERINTENDÊNCIA DE GESTÃO EDUCACIONAL
Andressa Woellner Duarte Pereira

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO INFANTIL
Kelen Patrícia Collarino

DEPARTAMENTO DE ENSINO FUNDAMENTAL
Simone Zampier da Silva

DEPARTAMENTO DE DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL
Estela Endlich

DEPARTAMENTO DE INCLUSÃO E ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO
Gislaine Coimbra Budel

COORDENADORIA DE EQUIDADE, FAMÍLIAS E REDE DE PROTEÇÃO
Sandra Mara Piotto

COORDENADORIA DE PROJETOS
Andréa Barletta Brahim

APRESENTAÇÃO

Segundo o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa¹, *avaliar* significa: “1. Estabelecer o valor ou o preço de; 2. Determinar a quantidade de; contar; 3. Pensar ou determinar a qualidade, a intensidade, etc. [...]”. Se pensarmos com atenção sobre essas definições, comprovaremos que o ato de avaliar faz parte de nosso cotidiano, pois a todo momento estamos avaliando, medindo, determinando ou mesmo valorando sobre algo ou alguma situação que já vivenciamos ou que ainda vivenciaremos.

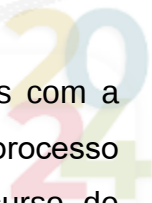
Avaliar é uma das ações mais importantes do trabalho do professor² no campo da educação. No processo de ensino-aprendizagem, a avaliação educacional envolve não só a tomada de decisões, mas também o planejamento, organização e a sistematização do trabalho pedagógico. É devido a sua importância e complexidade que o Currículo do Ensino Fundamental: Diálogos com a BNCC expressa organiza a avaliação educacional como sendo “composta por três dimensões: avaliação de sistema, avaliação institucional, e avaliação da aprendizagem” (CURITIBA, 2019, v. 1, p. 25), tendo cada uma sua especificidade.

Além disso, para a perspectiva assumida pela Rede Municipal de Ensino de Curitiba (RME), a avaliação é um processo contínuo e cumulativo, assim como previsto pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional³ (LDBEN n.º 9.394/1996). Contudo, esse material terá como foco tratar especialmente da avaliação diagnóstica, uma dentre as demais formas de avaliação compreendidas na dimensão da avaliação da aprendizagem. A avaliação diagnóstica, por sua vez, é um ponto de partida imprescindível para o (re)planejamento do trabalho pedagógico, pois funciona como ferramenta para redirecionar o ensino ao direto à aprendizagem.

¹ AVALIAR. In: INSTITUTO Antônio Houaiss (Org.). **Dicionário Houaiss Conciso**. São Paulo: Moderna, 2011, p. 101.

² Na escrita deste documento, destacam-se inicialmente os atores do processo educativo em suas formas masculina e feminina. Deste ponto em diante, apresentamos apenas a marca do masculino, conforme normatização da Língua Portuguesa, para facilitar a leitura do material, sem, contudo, desconsiderar a importante caracterização de gênero nos tempos atuais.

³ BRASIL. Lei n.º 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 21 fev. 2024.



Ainda de acordo com o Currículo do Ensino Fundamental: Diálogos com a BNCC, “A avaliação diagnóstica deve ocorrer em diferentes momentos do processo de ensino e aprendizagem, de modo a intervir continuamente no percurso de construção do conhecimento.” (CURITIBA, 2019, v. 1, p. 27). Essa prática pode (e deve) ocorrer a qualquer momento do ano letivo em que o professor considere necessário avaliar tanto os saberes prévios dos estudantes sobre algum determinado assunto, quanto para avaliar a compreensão dos estudantes a respeito de algum outro conteúdo que já tenha sido trabalhado em sala de aula.

Mas, como podemos elaborar e aplicar para os estudantes uma avaliação diagnóstica eficaz, cujos resultados possam ser efetivamente articulados com o planejamento?

Foi pensando nessa tarefa que as equipes técnicas dos diferentes componentes curriculares da Secretaria Municipal da Educação elaboraram esse material, para tratar especificamente sobre avaliação diagnóstica. Ao longo da leitura, você encontrará orientações e propostas de avaliação diagnóstica de 1.º ao 9.º ano do Ensino Fundamental, que apresentam o conceito de avaliação diagnóstica de acordo com a perspectiva da RME e sugestões de práticas de avaliações diagnóstica que poderão ser desenvolvidas com os estudantes.

Desejamos que as indicações possam contribuir com o seu trabalho, de modo a enriquecer ainda mais o processo de ensino-aprendizagem.

Boa leitura a todos!

AVALIAÇÃO E ARTE – UM MOVIMENTO PERMANENTE - Reflexões sobre avaliação no componente de Arte

A avaliação é sempre um tema que suscita muito debate e reflexões, independentemente de qual seja o componente em questão. Em tempos atuais, têm-se discutido amplamente sobre os métodos de ensino utilizados e como a sociedade atual demanda uma escola mais atraente, pulsante, que valorize os estudantes como protagonistas de seu processo de aprendizagem, e reflita como isso se dá no ambiente escolar. É importante primeiramente pensar que todo processo de avaliação tem como objetivo primordial a aprendizagem e a ascensão do educando. Quando nos referimos ao componente de Arte, percebemos muitas polêmicas envolvidas, pois historicamente o direito ao trabalho com arte nas escolas é uma conquista que se deu ao longo de vários anos de dedicação para que fosse reconhecido seu valor e sua importância no desenvolvimento do estudante. Entendendo esse processo, evidenciam-se possíveis equívocos que podem surgir quando o assunto é avaliação, como podemos perceber a seguir:

Arte como atividade educativa ou disciplina

A Educação Artística se torna obrigatória no currículo, em todo o país, a partir de 1971, porém, é somente a partir da LDB de 1996 que se torna obrigatória com status de disciplina. Até hoje, muitas pessoas não sabem que o componente é obrigatório, isso muitas vezes inviabiliza ou prejudica a avaliação, porque se atribui mais importância à obrigatoriedade do componente do que no processo de ensino-aprendizagem.

Em 1971, com a reforma do ensino de 1.º e 2.º graus, a Lei n.º 5.692 instituiu a inclusão do componente de Arte no currículo formal das escolas públicas brasileiras, denominada, na ocasião, Educação Artística, ainda com status de “atividade educativa” e não como disciplina. Em Curitiba, por exemplo, o plano curricular de 1975, apoiado na Lei n.º 4.024 de 1961 e na Lei n.º 5.692 de 1971, traz a Arte em uma *matéria* chamada Comunicação e Expressão que tinha como conteúdos específicos a Língua Nacional e a Educação Artística. Eram seis aulas semanais, sendo cinco aulas de Língua Nacional e uma aula de Educação Artística. Em 1988, em meio aos debates sobre a educação, a Educação Artística correu risco de ser retirada do currículo, mas permaneceu e, com a LDB de 1996, deu um passo importante para se consolidar nos currículos em todo o país.

Viés prático, instrumental ou tecnicista

Outra situação recorrente deve-se ao viés prático do componente, muitas vezes entende-se que a aula de Arte é para se executar uma série de trabalhos manuais. Há nesses casos, uma supervalorização pelo fazer, desconsidera-se toda a carga teórico-conceitual em relação aos encaminhamentos práticos, processo que se dá normalmente em termos alienadores aos conhecimentos da arte.

Uso como ferramenta pedagógica

Muitas vezes também o ensino e o componente de Arte são reduzidos a uma mera ferramenta para se ensinar outras coisas, é comum por exemplo, fazer um teatro para decorar ou aprender conteúdos de outros componentes curriculares. Neste caso, muito pouco se fala/aprende da linguagem do teatro propriamente porque o objetivo é outro. Embora não haja problema que os professores de outros componentes usem da arte para atingir seus objetivos, o professor de Arte deve ater-se ao trabalho, valorizando a linguagem artística e suas especificidades.

Pedagogia Liberal Tecnicista

De modo geral, percebe-se que as mudanças históricas da educação no Brasil também trazem heranças indesejadas, um exemplo é a Pedagogia Liberal Tecnicista. Um modelo de pedagogia que valoriza a técnica e a reprodução sistematizada atrelada às capacidades e habilidades dos indivíduos voltadas à formação de mão-de-obra. Nesse contexto, a arte surge como agente de desenvolvimento de habilidades manuais, ligadas muitas vezes ao artesanato com objetivo de ensinar as pessoas a obterem renda extra.

Crítérios subjetivos/objetivos

Outra confusão recorrente acontece em relação aos critérios avaliativos, pois normalmente a avaliação fica condicionada às habilidades desenvolvidas, como por exemplo, quando o estudante desenha bem ou tem habilidades com algum instrumento musical em relação ao restante da turma, ou seja, quanto mais objetivos forem os critérios, mais justa e eficaz ela será.

FORMAS/ FINALIDADES DE AVALIAÇÃO

Sabe-se que existem diversos tipos de avaliação com finalidades distintas: avaliações em larga escala propostas pelos gestores (municipais, estaduais e federais); avaliações promovidas pelas escolas para todos os componentes e ainda aquela avaliação que cabe aos professores realizarem de acordo com o seu próprio processo com os estudantes. Nesse sentido, *como avaliar o estudante em Arte?* Essa mesma questão foi feita no Caderno Pedagógico de Unidades Curriculares: Recomposição das Aprendizagens em Arte⁴,



Acervo da Equipe de Arte/SME, 2023

Avaliar em Arte é um processo que se inicia desde o primeiro contato com o estudante. De modo geral, a avaliação será sempre processual e contínua, promovendo o desenvolvimento do estudante a partir de seus próprios processos, e, ao professor, cabe perceber e pensar nas metodologias diversificadas para atingir os objetivos. (CURITIBA, p. 37, 2023).

A avaliação estará intimamente ligada aos processos instaurados pelo



Acervo da Equipe de Arte/SME. 2021

docente de Arte e se reitera aqui a concepção pretendida, processual e contínua. Assim, mais importante que o instrumento avaliativo a ser utilizado, é a análise que o professor fará a cada caso. Dessa maneira, o professor pode se apropriar dos registros espontâneos e

diários dos estudantes, bem como proporcionar momentos de conversa com fim avaliativo, e até a partir de vídeos e fotos produzidos no dia a dia da sala de aula.

⁴ Disponível em: <https://educacao.curitiba.pr.gov.br/conteudo/cadernos-de-recomposicao-das-aprendizagens/13534>. Acesso em: 22 dez. 2023.

Em Arte, por exemplo, não há a necessidade da avaliação escrita com questões objetivas, a não ser que esteja atrelada a algum outro projeto da própria escola.

A avaliação diagnóstica em Arte se enquadra principalmente naquela que o professor executa para entender seu próprio processo. Para isso, as proposições cogitadas pelo docente para conhecer seus estudantes precisam acolher diferentes formas de pensar, expressar e resolver situações apresentadas, com a finalidade de desenvolver as melhores estratégias para atingir os objetivos de aprendizagem. É um caminho que precisa ser frequentemente observado e ajustado a fim de consolidar as aprendizagens.

A AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA EM ARTE

De modo geral, a nossa concepção de avaliar está sintetizada neste trecho do Currículo:

O ato de avaliar é inerente ao ser humano e apresenta-se de diversos modos, conforme a necessidade e o contexto. No entanto, quando trata-se da avaliação educacional, se faz necessária a organização, o planejamento e a sistematização do trabalho, de modo que a avaliação esteja vinculada ao (re)planejamento do trabalho. A avaliação, nessa perspectiva, traz à escola a incumbência de articular os diagnósticos realizados aos objetivos de ensino-aprendizagem, fundamentando-se numa concepção de avaliação comprometida com práticas pedagógicas que redimensionem o trabalho em função do direito à aprendizagem. (CURITIBA, 2020. p. 24-25).

Todo tipo de avaliação, de certa forma, é diagnóstica, pois sempre tem como finalidade demonstrar o que o indivíduo compreendeu a respeito de determinado conceito ou situação. Todas essas aferições são diagnósticas para indicadores específicos (do gestor para medir os parâmetros de qualidade, do professor para entender seu processo, etc.). Entretanto, a avaliação diagnóstica a que nos referimos aqui é um pouco mais específica. É aquela que o professor empregará para uma ação mais peculiar, conforme definição:

[...] a avaliação realizada no início de determinado momento da escolaridade, visando à apreensão de aprendizagens relativas a processos e/ou percursos anteriores. Nessa acepção, a avaliação diagnóstica tem o objetivo de auxiliar no delineamento de pontos de partida de processos de ensino. (ROCHA, 2014, n.p.).

Nesse sentido, pode-se considerar que o objetivo principal da avaliação em questão é ajudar a organizar os encaminhamentos de determinado

planejamento além de ser um meio que auxiliará o professor a atingir o seu objetivo em determinado trabalho.

E como se daria essa avaliação?

Por exemplo, se o professor do 5.º ano irá trabalhar no segundo trimestre com propostas relacionadas ao conteúdo *música de mídia, jogos de mãos e copos*, é importante determinar que saberes os estudantes dominam e que são pertinentes para executar a proposta, assim, a avaliação servirá como diagnóstico para que o professor saiba quais aspectos são mais desenvolvidos com aquele grupo e em quais aspectos precisará intervir para que o trabalho aconteça.

Nesse caso, o diagnóstico poderá demonstrar que se trata de uma turma repleta de estudantes os quais têm uma afinidade com a linguagem musical por terem trabalhado no 4.º ano, ou por serem filhos de músicos, ou ainda por já tocarem algum instrumento musical em outra instituição, etc. Logicamente, o trabalho tende a fluir na prática e às vezes com certa autonomia teórica, assim, durante a organização das propostas, o professor poderá prever um aprofundamento maior.

Por outro lado, a avaliação diagnóstica pode demonstrar totalmente o contrário, tratando-se de uma turma muito distante da linguagem musical, certamente o trabalho com o repertório dos estudantes será mais intenso e mais importante do que necessariamente o resultado das experimentações. Esse exemplo ilustra bem o porquê de a avaliação diagnóstica em Arte representar um meio para atingir determinado fim.

O trabalho em Arte, como em qualquer outro componente, pressupõe que o docente tenha pleno domínio dos objetivos, conteúdos e critérios de avaliação descritos no Currículo desse componente. Assim, a avaliação será sempre diagnóstica e processual, podendo acontecer todos os dias pelos mais diversos instrumentos e métodos, valorizando os saberes culturais que os estudantes já possuem, respeitando os tempos individuais e garantindo assim seu direito de aprender.

Ao trabalhar as diferentes linguagens artísticas, busca-se uma avaliação emancipatória, em que o estudante sinta-se acolhido e valorizado nas suas potencialidades, tendo suas referências culturais respeitadas, além de ampliar

o seu repertório artístico e cultural por meio da troca de conhecimentos entre todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.



REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Parecer nº 22/05 CNE/CEB. Solicitação de retificação do termo que designa a área de conhecimento “Educação Artística” pela designação: “Arte, com base na formação específica plena em uma das linguagens: Artes Visuais, Dança, Música e Teatro”. **Diário Oficial da União**. Brasília, 2005. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/programa-saude-da-escola/323-secretarias-112877938/orgaos-vinculados-82187207/12740-ceb-2005>. Acesso em: 22 dez. 2023.

CURITIBA. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal da Educação. **Caderno Pedagógico de Unidades Curriculares**: Recomposição das aprendizagens – Arte - Anos Iniciais. Curitiba, 2022. Disponível em: <https://sites.google.com/educacao.curitiba.pr.gov.br/arte/in%C3%ADcio/cadernos>. Acesso em: 12 dez. 2022.

CURITIBA. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal da Educação. **Currículo do Ensino Fundamental**: Diálogos com a BNCC. 1.º ao 9.º ano. v. 4. Linguagens. Arte. Curitiba, 2020, p. 21-66. Disponível em: <https://sites.google.com/educacao.curitiba.pr.gov.br/arte/in%C3%ADcio/documentos>. Acesso em: 22 dez. 2023.

ROCHA, Gladys. Avaliação Diagnóstica. Verbete. **Glossário CEALE**: termos de Alfabetização, Leitura e Escrita para educadores. Belo Horizonte, MG: FAE-CEALE/UFGM, 2014. Disponível em: <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/esferas-ou-campos-de-atividade-humana>. Acesso em: 22 dez. 2023.



FICHA TÉCNICA**SUPERINTENDÊNCIA DE GESTÃO EDUCACIONAL**

Andressa Woellner Duarte Pereira

DEPARTAMENTO DE ENSINO FUNDAMENTAL

Simone Zampier da Silva

Gerência de Currículo

Luciana Zaidan Pereira

Equipe Pedagógica da Gerência de Currículo

Ana Michele Nogueira Maciel de Lima

Pamela Zibe Manosso Perussi

Viviane da Cruz Leal Nunes

Equipe da Gerência de Currículo

Alessandra Micoski Haloten

Ana Carolina Furis

Ana Paula Ribeiro

Andrea Borowski Gomes

Angela Cristina Cavichiolo Bussmann

Cristiane Lopuch Nogueira

Déa Maria de Oliveira Aguiar

Dircélia Maria Soares de Oliveira Cassins

Fabiola Berwanger

Fernanda Fernandes

Franciane Cristina da Silva Souza

Giselia dos Santos de Melo

Janaina Frantz Boschilia

Juliana Candido Lara Benatti

Justina Inês Carbonera Motter Maccarini

Karin Willms

Kelly Cristhine Wisniewski de Almeida Colleti

Lígia Marcelino Krelling

Lucimara Fabricio

Marcos Roberto dos Santos

Paula Francielle Domingues

Rosângela Maria Baiardi de Deus

Rosimeri de Souza Lima

Taís Grein

Taniele Loss

Thiago Luiz Ferreira

Vagner Ferreira de Oliveira

Vanessa Marfut de Assis

ELABORAÇÃO - Equipe de Arte

Déa Maria de Oliveira Aguiar
Marcos Roberto dos Santos
Taís Grein

Diagramação

Viviane da Cruz Leal Nunes

Gerência do Núcleo de Mídias Educacionais

Haudrey Fernanda Bronner Foltran Cordeiro

Revisão

Járed Amália Eduardo Sikorski
Rita de Cassia Dias Fonseca



20
24





20
24

Prefeitura Municipal de Curitiba
Secretaria Municipal da Educação
Superintendência de Gestão Educacional
Departamento de Ensino Fundamental



Curitiba
CIDADE
EDUCADORA

*Redes
Formativas*